

DOI: <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v15n1.1149>

A Comunidade derivativa: Formação Animada de Ativos*

The Derivative Community: On Soulful Asset Formation*

Erik Bordeleau

* Publicado originalmente em: Bordeleau, E. (2023). The Derivative Community: Soulful Asset Formation. In S. van Tuinen, & J. Brouwer (Eds.), *Technological Accidents, Accidental Technology*, vol 2, p. 202-224.

Tradução de Augusto Jobim do Amaral (Professor do PPGFil e do PPGCCrim da PUCRS) e Samuel Andretta (Doutorando em Ciências Criminais da PUCRS).
Revisão técnica de Vitor Matisse (Mestrando em Filosofia da PUCRS).
E-mail: augusto.amaral@pucrs.br

*Nossas amizades e relações são sistemas.
Nossas comunidades são sistemas. Vamos além.*
Adrienne Maree Brown

Resumo

No presente artigo, Erik Bordeleau apresenta, como forma de resistência anárquica à lógica capitalista, o projeto d'A *Esfera* no qual está envolvido. Para o autor, *A Esfera* pode ser entendida com um espaço virtual de trocas entre processos artísticos e práticas de financiamento, cuja raiz vem de uma necessidade de ressignificar o sentido e o uso dos meios digitais. Afirma também que o projeto está interessando, especificamente, em promover a integração de criadores, produtores e o público, possibilitando um ecossistema que facilita o alinhamento entre interesses e propósitos através de um espírito de generosidade especulativa. Para tanto, o autor se utiliza de reflexões de renomadas figuras do meio intelectual, como, por exemplo, Deleuze e Guattari, Hito Steyerl, Jean-Luc Nancy, Jacques Rancière e Yuk Hui, fundamentalmente, para propor a defesa da necessidade de um novo olhar para a tecnologia *crypto* e *blockchain*, considerando a descentralização proporcionada pela DAOs e pela Web3. Gerar novas formas de organização rizomática, ao invés de noções nostálgicas de organização de massas, acaba por produzir a possibilidade de codificar relações de equidade através de vetores de participação mútua.

Palavras-chave: A Esfera; Anarquia; Tokenização; Blockchain; Arte Performática.

Datas:

Recebido: 05/12/2023

Aprovado: 12/04/2024

Publicado: 15/04/2024

Abstract

In this article, Erik Bordeleau presents, as a form of anarchic resistance to the capitalist logic, The Sphere project in which he is involved. For the author, The Sphere can be understood as a virtual space for exchanges between artistic processes and financing practices, whose root comes from a need to give new understanding to the meaning and use of digital media. He also states that the project is specifically interested in promoting the integration of creators, producers and the public, enabling an ecosystem that facilitates the alignment between interests and purposes through a spirit of speculative generosity. Therefore, the author uses reflections from renowned figures in the intellectual world, such as, for example, Deleuze and Guattari, Hito Steyerl, Jean-Luc Nancy, Jacques Rancière and Yuk Hui fundamentally to propose the defense of the need for a new look at crypto and blockchain technology, considering the decentralization provided by DAOs and Web3. Generating new forms of rhizomatic organization, instead of nostalgic notions of mass organization, ends up producing the possibility of codifying relations of equity through vectors of mutual participation.

Keywords: The Sphere; Anarchy; Tokenization; Blockchain; Performative Art.

1 Introdução

Você os vê em todos os lugares: grupos digitais – e outros nem tanto – saindo de um sistema atado a um funcionamento repetitivo, preso aos jogos de soma zero que custam antes, entre outras coisas, as condições de subsistência planetária. São coletivos metamórficos que geram ambientes colaborativos e reconhecem uma maior gama de contribuições de valor e partilha de recursos para a construção de economias orientadas para o comum¹. Quais sistemas econômicos podemos tatear ao explorarmos a WEB 3.0, sistemas que nos forneçam novas possibilidades de mundo e recursividade intensas? E como podemos integrar retornos sobre investimento (ROIS - *return on investment*) interespecies e intergeracionais nos nossos *futuros* sistemas de contabilidade, como uma forma de não abandonar nenhuma externalidade?

O advento da *blockchain* e de recursos computacionais de registro distribuído nada mais são do que um novo capítulo da longa e cinzenta história do arquivo, práticas de arquivamento e confiança institucional que remontam à origem da escrita. Sua emergência catalisou uma ampla gama de especulações e experimentações em torno dos novos modos de valoração coletiva e auto-organização em escala, frequentemente definidos como DAOS (*Distributed Autonomous Organizations* – Sistemas Autônomos Descentralizados). Para o público geral, *crypto* é sinônimo de um frenesi hiper capitalista e

¹ Nota de tradução (N.T.): Aqui o autor utiliza o termo “commons” que, quando traduzido literalmente, significa bens comuns. No entanto, a amplitude do conceito não abarca apenas a dimensão proprietária, mas aspectos de pertencimento e copertencimento ao presente, além da experiência partilhada do comum, e tem íntima relação com a proposição de Harney e Moten da vertente dos “undercommons”. Como pode ser observado no artigo: BORDELEAU, Erik. “Bellonging in Becoming: partes anárquicas y Comunes Cripto escalables”. *Disenso: Revista de pensamento político*, nº V, p. 95.

um apetite interminável por esquemas de pirâmide. Mas, no contexto deste artigo, *cripto* será associado com possibilidades de experimentação, com novas formas de governança digital, como uma inovação tecno-social que aponta para um “sistema operacional para a próxima geração de instituições humanas,” como postula Nathan Schneider do Movimento de Plataforma Cooperativista². Similarmente, Ruth Catlow e Penny Rafferty, os editores da revista *Radical Friends: Decentralised Autonomous Organisations and the Arts*, um volume que oferece uma pesquisa extensa das diferentes arquiteturas *peer-led* da Web3, que derivam do mundo da arte, na qual os autores argumentam que “Os DAOs podem fornecer os instrumentos necessários (para aqueles com o conhecimento e a experiência de organização de modos de justiça econômica) para criar experimentos em escalas variáveis com cidadãos, trabalhadores e consumidores, modulando o sistema para o interesse comum.”³

Em um mundo que se move cada vez mais na direção de uma fragmentação social, a forma com que criamos modos tecno-sociais de interlocução se tornou crucial. Há diversos desafios: terraplanar novas passagens entre a microescala da presença coletiva e a macro escala das agregações da mídia; gerar novas formas de organização rizomática, que crescem de materialidades do século XXI, ao invés de noções nostálgicas de organização de massas e, ainda, talvez, recuperar um pouco da prudência das sociedades anônimas, isto é, a possibilidade de codificar relações de equidade através de vetores de participação mútua. O que está em jogo aqui é a operacionalização de empreitadas orientadas para o comum através da autoprodução de valor que é gerada em si mesma.

O comum e as formas de integração comunitária compreendem um amplo campo de discussão. O que acontece com a ideia de (infra)comum, ou como coloco em meu livro, “Como salvar o comum do comunismo”, definido como comum liminar e sensível, quando encontra o impulso consolidador proporcionado pela Web3?⁴ O que acontece com a experiência de partilhar quando é confrontada com a necessidade prática (isto é, *organizacional*) de distribuição e é mirada sob um contexto de governança digital, fluxos monetários alternativos, ou de certa maneira ações hápticas, derivadas e anárquicas? Ou para resumir sugestivamente, o que está na linha de uma filosofia especulativa e pragmática da posseção [*pragmatic of possession*]: como tomamos parte?⁵ Há, na linha

2 Nathan Schneider, “Foreword: Practice Upwards,” in *Radical Friends: Decentralised Autonomous Organisations and the Arts*, ed. Ruth Catlow and Penny Rafferty (London: Torque, 2022), 23. A figura do OS (*operating system* – sistema operacional) é comum no espaço *cripto*. Aqui novamente, mas desta vez com uma abordagem *Darkfi* (*DarkFi* é um subespaço criptoanarquista dentro do mundo *cripto* que insiste na privacidade e formações políticas autônomas): “A ciência da engenharia de *tokens* nos permite desenvolver e evoluir sistemas operacionais econômicos para comunidades” Ibid., minha ênfase, <https://dark.fi/insights/ftx-where-next.html>

3 “Introduction: What Is Radical friendship Made Of?” in *Radical Friends: Decentralised Autonomous Organisations and the Arts*, ed. Catlow and Rafferty, 31.

4 Erik Bordeleau, *Comment sauver le commun du communisme?* (Montréal: Le Quartanier, 2014).

5 “Nosso projeto, de acordo com a proposta de Tarde, pode ser resumido em uma frase: substituir a ontologia clássica e as categorias a ela associadas com uma lógica da posseção [...] O termo varia para expressar: captura, predação, preensão e apropriação, mas basicamente, todos expressam a mesma operação, o mesmo gesto, aquele que elementos físicos, biológicos,

conceitual do famoso livro de Jacques Rancière “*Le partage du sensible*” (A Partilha do Sensível), uma tensão inerente entre a arte de *partilhar* o sensível, e sua *distribuição* concreta. Desperta meu interesse o fato de que o livro de Rancière tenha sido traduzido como a “A Distribuição do Sensível”⁶ e não “A Partilha do Sensível”, como teria feito espontaneamente, isto é, “relacionalmente”. O *pharmakon* das partes distribuídas (ou, talvez, simplesmente atribuídas, como um *airdrop* de *tokens*?), em um esforço coletivo, é uma amarra realista-possibilitadora no que diz respeito a modos de contabilidade e organização que são contributivos, responsivos e prospectivos, e que conseguem se manter com sucesso. O afeto ético proverbial, “arriscar a própria pele”, não pode ser subestimado.

A liquidação operacional que essa partilha do sensível pressupõe traz perguntas complexas em torno do valor da soberania e da propriedade.⁷ Catalisando o poder da tokenização, os DAOs prometem transformar a economia em uma pergunta de *design*: programar novas formas de governo – com as operações de acumulação de valor – ao causar um curto-circuito em suas bases estatais e legais. É um movimento no qual libertários e *cyberpunks*, inicialmente sob o slogan ‘*Code is Law*,⁸ misturam-se com jovens bem-intencionados que aceitaram, de maneira um pouco literal demais, a possibilidade evocada por Thomas Piketty, no seu “*Capital in the Twenty-First Century*”, de atacar as desigualdades sistêmicas não as abolindo, mas estabelecendo novas formas de propriedade – sociais, fractais, especulativas, mas também temporárias e, claro, “descentralizadas”.

O que está em jogo aqui, de um ponto de vista cripto-financeiro, é o processo de incorporação de *formas de valor* (*forms-of-value*), isto é, a codificação digital ou legal na qual um ativo é concluído, securitizado, monetizado, em uma palavra, *contingencializado*.

psíquicos ou técnicos são integrados, capturados por um ser que toma as próprias decisões.” Didier Debaise and Isabelle Stengers, eds., *Philosophie des possessions* (Paris: Presses du réel, 2011), 5.

6 (N.T.) Aqui o autor faz referência à tradução inglesa do livro de Rancière: *The Politics of Aesthetics: The Distribution of Sensible*. Edited and translated by Gabriel Rockhill. London/New Delhi/New York/Sydney: Bloomsbury, 2004. A tradução em português vai na direção da reivindicação do autor: *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Neto. São Paulo: EXO experimental org./Ed. 34, 2005.

7 Em contraste com os aspectos organizacionais da blockchain na criação de ações financeiras, Denise Ferreira da Silva nos lembra no prefácio de *All Incomplete* como “formalidade e eficácia, ambos, requerem completude”; seu comentário é seguido pela crítica virulenta de Moten e Harney da lógica derivativa como uma consequência imediata da propriedade moderna: “Locke inventa o derivativo aqui, uma parte degradada da maldita ação que deve subsumir o poder dessa ação, mas apenas para criar mais derivativos, para criar mais zonas de despossessão ao positivar a posse, apenas para criar mais derivativos, na negação da perda que se prepara para perda. Toda propriedade é perda, pois a propriedade é a perda da partilha” Fred Moten and Stefano Harney, *All Incomplete* (Brooklyn: Autonomedia, 2021), 6, 14. Espero poder analisar mais detalhadamente esta tensão conceitual no cerne da proposta cosmo-financeira adiante.

8 Expressão paradigmática que vem do livro de Lawrence Lessig, *Code: And Other Laws of Cyberspace* (New York: Basic Books, 1999).

9 (N.T.): Thomas Piketty. *O Capital no Século XXI*. Tradução de Monica Baumgarten de Bolle. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

A cripto-economia se preocupa com a reinvenção das formas pelas quais nós nos incorporamos nessas colagens duradouras individuais.¹⁰ Uma economia fundada na *blockchain* torna possível emitir *tokens* cujos protocolos podem levar a diversos direitos de governança e propriedade, levando à formação de novas formas de valor baseadas em redes. Discretizar valor através da tokenização permite gerar novos *jogos de colaboração* que efetivamente traduzem as intenções organizativas em um conjunto de incentivos e atratores combináveis semiautônomos. Rhea Myers, uma artista hacker que tem sido a pioneira na exploração da tecnologia *blockchain*, narra de maneira brilhante os desafios críticos e possibilidades que as DAOs trazem em termos de explicar as regras de funcionamento de sistemas econômicos sob os quais nos debatemos:

DAOs quase inevitavelmente envolvem tokenização, a representação de recursos como ativos finitos, definidos como moedas. Críticas dessa financeirização são fáceis, mas devemos ir além. DAOs e a *blockchain* em geral são índices de nosso imaginário econômico contemporâneo. O desafio que a tokenização apresenta aos seus críticos (o que *você* representa?) é evidenciar de onde vem o seu dinheiro e para onde ele vai, evidenciar seus valores e prioridades frente à falta de estrutura de apelos baratos à boas intenções... *Isso torna explícito o valor dos valores*, estruturado tanto em termos de incentivos comportamentais financeiros e a linguagem quanto na formação de significados de seus participantes – e é isso que fornece aos DAOs um potencial epistemológico, ontológico e estético.¹¹

Blockchains são frequentemente associados com criptomoedas, entretanto é muito mais interessante concebê-las como *ordens constitucionais* ou *institucionais*, isto é, um conjunto de protocolos nos quais indivíduos, empresas ou algoritmos interagem uns com os outros. Podemos estar falando da *Bitcoin*, *Ethereum* ou outro ecossistema de *blockchain*, a ideia central é basicamente a mesma: mercados de governança são criados, e aqueles que asseguram os protocolos para essa interação são recompensados com moedas. A concepção de incentivos (monetários) torna-se assim parte integrante dos sistemas técnicos dirigidos ao consenso. Nesse sentido, essa estrutura é uma *máquina de governança escalável*: o protocolo é a instituição. Desta maneira, as *blockchains* permitem a formação de todo um micélio digital, agrupamentos econômicos e um novo comum digital ou comum 3.0, com modos de governança e formas de simbioticamente codificar valores comportamentais que ainda serão inventados.

Neste sentido, é importante conceber as cripto-redes como uma tecnologia configuracional, ou melhor, *instaurativa*. O conceito instauração é chave aqui. Utilizo-o como uma forma de evitar as armadilhas relacionadas ao sentimento transcendental da palavra “instituição”. Instauração vem da filosofia estética de Etienne Souriau, e foi

10 (N.T.): Cf. Gerald Raunig. *Dividuum: capitalismo maquínico y revolución maolecular*. Volumen 1. Traducción de Raúl Sánchez Cedillo. Buenos Aires: Cactus, 2022.

11 Rhea Myers, “A Thousand DAOs,” in *Radical Friends*, ed. Catlow and Rafferty, 88 (minha ênfase).

recentemente revisitada por filósofos como Bruno Latour, Isabelle Stengers e David Lapoujade. Este conceito trata de permanecer com a alegria e a angústia de trazer algo novo – e duradouro – para o mundo; testemunhar o evento da criação e aceitar transformar-se no processo. Instauração é sobre *nos levar até formas irreversíveis*: aceitar a captura e se tornar engrenagens de máquinas abstratas criadas por nós coletivamente.¹²

Alguns observadores do mundo da *blockchain*, incluindo Hito Steyerl, em um artigo premonitório publicado no início da onda *crypto*,¹³ sugerem que o mundo da arte pode ser concebido como um protótipo para a renovação cosmo-financeira – arte como uma moeda viva¹⁴. O mundo da arte é de fato um lugar onde a pluralidade de práticas incomensuravelmente criativas segue regras e protocolos diferentes, e figuram em processos opacos e complexos de controle e avaliação qualitativa e reconhecimento mútuo, encobertos pelo “mercado da arte”.¹⁵ Que tipos de futuro plural podem emergir através da reprogramação de nossos protocolos financeiros e sociais para interação? O campo emergente da cripto-economia baseada na *blockchain* poderia facilitar a criação de novas formas de alavancamento, isto é, formas cooperativas e implicativas de criação de mundo, nos quais diferentes espécies, tecnologias e formas de conhecimento poderiam gerar seus próprios loci de *mistura* intensiva?

É interessante ver como Hito Steyerl oferece uma perspectiva diferente, por vezes satírica, diante dessas perguntas. Ela trouxe respostas por meio de um experimento artístico que se relaciona com ativos NFTs¹⁶ (ver sua intervenção digital no Salão de Arte de Bonn).¹⁷ Ela também produziu uma instalação videográfica intitulada *Animal Spirits*

12 Para mais detalhes sobre o espírito da *instauração* sob bases *blockchain*: “We Too Have a Code: Cryptoeconomics and the Promise of Programmability”, in: *Hamburg Maschine_Revisited: Artistic and Critical Investigations into our Digital Condition*, ed. Isabella Kohlhuber and Oliver Leistert (Hamburg: Adocs Verlag, 2022), p. 168–193.

13 Hito Steyerl, “If You Don’t Have Bread, Eat Art!: Contemporary Art and Derivative Fascisms”, *E-flux* n° 76 (October 2016), <https://www.e-flux.com/journal/76/69732/if-you-don-t-have-bread-eat-art-contemporary-art-and-derivative-fascisms/>.

14 (N.T.): Utiliza o autor o termo “living currency” em uma referência a obra de Klossowski “La Monnaie vivante” (Rivages poche/Petite Bibliothèque. 1997), traduzida para o espanhol como “La moneda viviente” (Traducción, notas y posfácio de Axel Gasquet. Córdoba: Alción, 1998) ainda sem tradução para o português. Todavia, sobre o tema, de enorme importância, ver: Bruno Cava e Giuseppe Cocco. *A Vida da Moeda: Crédito, imagens e confiança*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

15 “A arte como uma moeda alternativa, poderia circular dentro de sistemas existentes, ou até lançar economias que ainda não existem? Em contraste à autonomia modernista de esquemas de arte, a nova forma de arte não é solitária, desconexa e isolada. Nem vai vir através de uma fantasia de progresso depositada sobre uma tecnologia. Pelo contrário, só pode emergir através de um esforço consciente e uma troca entre diversas entidades. E uma autonomia que funciona pela circulação, transformação e alquimia.” Ibid.

16 (N.T.): NFT (*Non-fungible Token*) são ativos digitais que ficam armazenados na *blockchain* que podem ser usados para representar qualquer conteúdo.

17 “No dia 15 de julho de 2021, a artista Hito Steyerl declarou o *Bundeskunsthalle* ocupado pelo STUDIO BONN. Ela havia registrado o endereço do *Bundeskunsthalle* na *blockchain Ethereum* e assim o controlava via NFT. Ao cunhar uma instituição inteira como um NFT, Steyerl simultaneamente levou a sério a anarquia utópica da *blockchain*, que promete distribuir o

(2022), que fazia parte do seu mais novo *Documenta* (apenas por um período limitado e controverso), e entrecruza Maynard Keynes digitalmente possuído por espíritos animais, um pastor anti-civilização vindo dos Pirineus tendo dificuldade com lobos de verdade, e *Cheesecoin*, uma *blockchain* misteriosa (e irônica) aproveitando o poder do queijo “Internet of stink” (internet do fedor).¹⁸ E finalmente, em um nível mais discursivo, e talvez fechando o ciclo com sua caracterização especulativa do mundo da arte como uma forma alternativa de criptomoeda, Steyerl também articulou uma crítica severa ao que ela chama de orientalismo de *Blockchain*, isto é, uma ênfase antissocial e “exoticizante” em pequenas comunidades de coproprietários e seus filtros preferidos de bolhas sociais sacrificando a própria ideia de espaço público.¹⁹

A crítica de Steyerl é acertada. A distinção entre comunidades digitais e a organização de captura – e exposição – de valor está se tornando, sem dúvida, mais nebulosa, com consequências diretas na maneira que concebemos bens públicos de maneira geral. Nesse contexto, a arte tem um papel importante, sintomático e ambivalente. Simultaneamente aponta para informalidade generativa da vida social, e processos de descoberta de modos de formalização – e financeirização – da socialidade. Um sintoma que está rapidamente envolvendo a condição digital é o *status* da palavra *comunidade*. Ignorante às complexidades de suas articulações filosóficas, a palavra *comunidade* se mostra como a nova queridinha dos investidores, de facto se tornando indiscernível de um novo tipo de formação de ativos. Utilizando as novas capacidades de abertura e permissibilidade de tecnologias de rede, uma nova geração de coletivos derivativos de arte está experimentando com a distribuição e coordenação de propriedade fractal e coletiva de obras de arte, e talvez mais importante, de processos artísticos diante de uma ampla gama de beneficiários com uma capacidade de escalar a produção sem precedente e com baixo custo de manutenção.

O mundo *crypto* está em uma encruzilhada. Algumas pessoas mantêm a esperança por uma renascença da arquitetura da governança das redes *peer to peer* (*para a par*) e ferramentas cripto-computacionais para empoderar uma multidão de insurreições e coletivos de participação mútua armados de novas garras financeiras. Outros argumentarão que a

controle do dinheiro e cultura das mãos dos guardiões para as massas.” *Bundeskunsthalle*, “Exchange Values: Who Controls the Bundeskunsthalle?,” <https://www.bundeskunsthalle.de/en/studiobonn/tw-wem-gehoert-die-bundeskunsthalle.html>.

18 Hito Steyerl, “Animal Spirits” press release, September 2022, <https://www.estherschipper.com/exhibitions/1100-animal-spirits-hito-steyerl/>.

19 “O horizonte político emergente dos DAOs – como comunidades de coproprietários – ressonam sob um pano de fundo de acelerada privatização e desmantelamento pós-moderno de sociedades em muitos lugares – incluído infraestruturas de participação democrática, saúde, estado do bem-estar social (se existente), setor público cultural etc. Este cenário refracta um padrão de vernacularização de organizações sociais que avançou muito da estrutura universalista (hipócrita) do modernismo. DAOs refletem horizontes sociais diminuídos. Eles podem se assujeitar como tribos, clãs, máfias, bandos, quadrilhas, sindicatos, associações ou carteis. Os DAOs podem ser estruturados como cooperativas. O contrato social evocado pela planta base da descentralização autônoma organizativa é frequentemente um contrato antissocial – porque simplesmente não tem conceito de social.” Hito Steyerl, “Walk the Walk: Beyond Blockchain Orientalism,” in *Radical Friends*, ed. Catlow and Rafferty, 129.

Web3 é uma jogada de marketing para um movimento de agrupamentos parciais pseudo-autônomos que no final irão ser capturados pelas empresas do capitalismo de plataforma (Web 2.0), naquilo que Tiziana recentemente definiu como o “*Corporate Platform Complex*” (Complexo Corporativo de Plataformas).²⁰

Frequentemente, quando discutimos as novas potencialidades de redes *crypto*, a ênfase recai sobre a possibilidade de iniciar modos de captura do valor parcialmente autônomos. Todavia, de maneira a desafiar efetivamente a ordem capitalista de equivalência generalizada, nós devemos ter em mente que esses aparatos não funcionam apenas para capturar valor, eles são também, e talvez até de maneira mais fundamental, sobre comunicar e logo sobre *expor* valor. Uma proposta cosmo-financeira que seja digna desse nome não pode evitar uma questão simples, porém fundamental: o que efetivamente é exposto, e não meramente capturado, na nossa relação com o capital? Essa pergunta está no âmago da obra de Jean-Luc Nancy “*Being Singular Plural*”.²¹ De maneira sóbria, porém oracular, Nancy continua seu trabalho anterior, “*la communauté désœuvrée*” (A Comunidade Inoperante), e explora mais a fundo a noção de *ser-em-comum*, esboçando o conceito posterior de *comparution* ou *coaparecimento*.²² Construindo sobre a analítica de Heidegger do *Mitsein*, Nancy inicialmente descreve a relação ontológica de seres singulares como “distribuída e localizada, ou espacializada, pela partilha que faz dos outros”.²³ E, em discordância com conceito de Debord de espetáculo, ele apresenta a condição comum de co-aparecimento em sua relação intrínseca com o capital:

Deve ser dito, no entanto, que co-aparecimento talvez seja apenas outro nome para Capital. Também deve ser dito, que a crítica de classes do capital, até no seu estágio pós-marxista, não é suficiente para captar o que o capital expõe [...]. No mínimo, um pensamento do co-aparecimento deve despertar essa ansiedade.²⁴

A questão do que o capital expõe é relativamente rara e requer desenvolvimento posterior. Ela escapa à clássica divisão marxista entre valor de uso e valor de troca, nos

20 Tiziana Terranova, *After the Internet: Digital Networks between Capital and the Common* (New York: Semiotext(e), 2022).

21 Jean-Luc Nancy, *Being Singular Plural*, trans. Robert Richardson and Anne O’Byrne (Stanford: Stanford University Press, 2000) [*Ser Singular Plural*. Traducción de Antonio Tudela. Arena Libros, S.L., 2006].

22 (N.T.): o autor grifa *co-apperance* em que pese a tradução feita ao inglês por Tracy B. Strong seja um pouco distinta. Ver “La Comparution/The Compearance: from the Existence of ‘Comunism’ to the Community of ‘Existence’”, *Political Theory*, Vol. 20, n° 3, p. 371-398, August 1992.

23 Jean-Luc Nancy, *The Inoperative Community*, trans. Peter Connor, Lisa Garbus, Michael Holland, and Simona Sawhney (Minneapolis: Minnesota University Press, 1991), 25. [*A Comunidade Inoperada*. Prefácio Márcia Sá Cavalcante Schuback. Tradução e notas Soraya Guimarães Hoepfner. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016].

24 Nancy, *Being Singular Plural*, 64. Ele ainda acrescenta: “A simples exposição do co-aparecimento é a exposição do capital [...]. Poderíamos dizer que o capital é a alienação do ser singular como tal.” *Ibid.*, 73.

convidando a renovar a fé crítica que professamos. A questão sugere algo muito comum, e íntimo, tão comum como nossa transformação diária como moeda viva. Pense, por exemplo, tudo que é afetivamente colocado em movimento cada vez que postamos algo nas mídias sociais. Isto envolve quase que um senso inato de valor, uma espécie de *branding* instintivo, uma arte da captura de atenção e de exposição construída contando histórias, posicionamento estratégico da identidade e uma leitura social sagaz. Assim poderemos vislumbrar formações de capital e outras formas de incorporações coletivas de valor que não se prestariam imediatamente ao sistema econômico extrativista, ou nos termos hiperbólicos de Nancy:

Podemos aprender a lógica – a ontologia, a mitologia, ou a ateologia, caso se exija um nome – desse simples e inextricável aparecer-com? Isto é, dessa ecotecnologia que nossas ecologias e economias já se tornaram, especificamente os estados de equilíbrio em nossos ambientes e formas de gerenciar nossa subsistência?²⁵

2 A esfera na forma de um manifesto

Gostaria de explorar as implicações deste *aparecimento* em todas suas relações constitutivas, ao mesmo tempo que conflitivas em relação a formação de ativos comunitários através de uma avaliação mais direta das forças que povoam o cripto-espaço; e mais especificamente, através das minhas implicações n'A *Esfera*, um projeto de criação de pesquisa explorando novas ecologias de financiamento para o circo e artes performáticas (www.thesphere.as). Como um empreendimento transdisciplinar, *A Esfera* pode ser pensada como um espaço de trocas mutualmente transformativas entre processos artísticos (fluxos de arte) e práticas de financiamento (fluxos de valor). A raiz do projeto vem da necessidade de cultivar um novo *sentimento pela infraestrutura* disposta ao desafio da organização na idade digital. Esse apelo experimental pelas infraestruturas corresponde ao que Geert Lovink chama de *stacktivism*, isto é, em intervenções populares que ameaçam monopólios das mídias sociais:

Stacktivism é por definição abstrato e conceitual em sua natureza, saber que algoritmos são poder e poder é algoritmo. *Stacktivist*as assumem a tarefa de criar elos perdidos: eles são os compartilhadores de memes, os conectores de ideias, viajantes interculturais, *networkers* poli-disciplinares. A criação social de novos protocolos permanece ainda um ato de decisão comum.²⁶

Inspirados pelas recentes inovações no campo da Web 3.0, *A Esfera* se debruça na redistribuição dos riscos e oportunidades de fazer arte facilitando o envolvimento criativo

25 Jean-Luc Nancy and Aurélien Barrau, *What's These Worlds Coming To?*, trans. Travis Holloway and Flor Méchain (New York: Fordham University Press, 2015), 54.

26 Geert Lovink, "Principles of Stacktivism," Institute of Network Cultures (November 2020), <https://networkcultures.org/geert/2020/11/10/principles-of-stacktivism/?pdf=2154>

de um público de artistas, colecionadores e outras partes interessadas nos diferentes estágios da produção artística e de curadoria. Para facilitar esse objetivo, nós estamos desenvolvendo uma infraestrutura Web3, cujo objetivo é facilitar a auto-organização, iniciar colaborações criativas e implementar novas estratégias de financiamento. A *Esfera* está particularmente preocupada com a questão de como integrar os criadores, produtores, e o público em um fecundo ecossistema que facilita o alinhamento entre interesses e propósitos em um espírito de generosidade especulativa. O nome do projeto intuitivamente envolve essa ampla intenção ampla.

A *Esfera*, como qualquer projeto coletivo, é formada por uma constelação de práticas, perspectivas e interesses que às vezes convergem e outras vezes criativamente divergem uma das outras. Mundos que normalmente são mantidos em uma distância segura – o mundo do circo e o mundo das *startups* de *blockchain* e investidores, por exemplo – são repentinamente trazidos em uma intensa *mistura*. Acidentes certamente irão acontecer; encontros transformativos também. Para o contexto deste artigo, talvez a forma mais direta para apresentar a multiplicidade com que trabalha a construção d'A *Esfera* – ou melhor, A *Esfera* como uma *comunidade derivativa* – seja a forma acelerada de seu manifesto:

Nós, os modeladores d'A Esfera, viemos do mundo do circo contemporâneo. Nós também somos teóricos radicais, designers de mecanismos, artistas visuais, astutos²⁷ gerentes de ativos, planejadores fugidios e muito mais. Nós estamos interessados em novas mídias e tecnologias web 3.0, e somos inspirados pelas práticas de construção de confiança, tomada de riscos e superação de limites impulsionadas por práticas circenses. A Esfera é um comum digital; uma interface cripto-econômica; um (an) arquivo orientado para as artes performáticas; uma máquina virtual de suporte; um portfólio de obrigações sociais e partes anárquicas; um polo de pesquisa e criação sobre estranhamento artístico e fluxos financeiros. No final das contas especulativas, nós ficamos cansados de escrever submissões para editais e trabalhar por migalhas. Então decidimos, com muita gente, reescrever o código interno do capital, e iniciar novas ecologias de financiamento para as artes. Nosso objetivo é criar um espaço com pele diferencial no jogo, um espaço onde a circulação e experiência de valor é sentida de maneira diferente. O que é melhor que as artes performáticas para fazer sentir como seguramos a volatilidade, como conseguimos engendrar padrões de generosidade especulativa até nos tempos mais precários. A comunidade circense é ligada por uma economia corporal: é uma conspiração que voa, gira, flutua ao ar livre e cultiva a capacidade de manejar os fluxos da vida, de maneira a reavaliá-los como uma nova forma de abundância. Essa reavaliação permite que o risco conte como sua própria recompensa, já que é garantido imediato valor pelo agrupamento criativo. Para deixar evidente: o tanto que gostamos da plasticidade de abstrações financeiras, nós não acreditamos em gerenciamento de risco de sofá. Nos abraçamos indeterminação alegre e alavancamos por todos os meios possíveis. Nos reclamamos, para nós mesmos

27 [N.T.]: aqui há um jogo de palavras feito pelo autor. No original, “artful” remete a mesmo tempo ao sentido artístico quanto de astúcia.

e todos, o poder da metaestabilidade. Para reformular o espaço-jogo econômico para uma economia orientada para o propósito do comum, precisamos de dispositivos tecno-sociais e infraestruturas que operam no nível algorítmico, ferramentas de governança digital que permitem coordenação em escala. Isso é como A Esfera vai tomando forma, ao desenvolver técnicas para resistir ao achatamento de valores para além do economicamente viável, jocosamente adotando abordagens de front-end para navegar o inconsciente positivo – o back-end financeiro – da vida social.²⁸ Nós acreditamos no charme discreto do precariado, na arte do *belonging-in-becoming* [tornar-se-em-pertencimento], no poder da confiança precursora para trazer novos mundos. A Esfera é o suporte (im)material dos nossos sonhos. A Esfera é nossa alma digital.²⁹

3 Buscador da alma digital

Da perspectiva d'A Esfera Web3 e ecoando o brado de batalha *stacktivist* e alter-financeira de Lovink, uma coisa está estabelecida: o tempo de apenas reclamar da precariedade acabou. Nós precisamos nos engajar mais profundamente com a forma que sistemas monetários, aparatos financeiros e modelos de negócios realmente funcionam. Precisamos desenhar outros tipos de *feedback loops* [ciclos de retroalimentação], e imaginar outros modos de captura e exposição de valor que escapem do nó das abstrações econômicas reducionistas e do armazenamento de valor antissocial.

Considerando a natureza intrinsecamente especulativa do valor econômico e a dificuldade em verdadeiramente medi-lo (basta pensar nos desafios constantes da contabilidade de 'ativos intangíveis/incorpóreos'³⁰), a arte financeira de colher fluxos de valores futuros, os trazendo de volta ao presente, é um bom lugar para começar. Muitos pensadores e ativistas abraçaram o desafio de repensar a questão do valor da perspectiva financeira ou, mais especificamente, da perspectiva daquilo que a excede e a transborda. Brian Massumi, em diálogo com a *Economic Space Agency* (ECSA), e mergulhando sobriamente nas possibilidades abertas pelo design cripto-econômico, argumenta nas suas "99 Teses sobre a Reavaliação do Valor: um manifesto pós capitalista" que uma força auto-abstrativa e intensificadora, derivativos financeiros oferecem acesso a um futuro pós-capitalista e alter-econômico.³¹ Para Massumi, derivativos circulam por intensidades afetivas tanto quanto, ou até mais, que fundamentos clássicos da economia: a economia aparece como a "precária arte de surrupiar a ordem emergente do afeto."³² Seria então

28 [N.T.]: da linguagem informática de arquitetura de *software*, "front-end" remete à interface gráfica frontal visual do usuário de um site enquanto "back-end" seria a sua parte de suporte, que faz a ponte entre o navegador rumo ao banco de dados e vice-versa.

29 <https://www.thesphere.as/the-sphere-manifesto/>

30 [N.T.]: ativos não monetários sem substância física associados a bens e direitos de uma organização.

31 Brian Massumi, *99 Theses on the Reevaluation of Value: A Postcapitalist Manifesto* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 2018).

32 Brian Massumi, *The Power at the End of the Economy: Art Beyond Interest, Joy Beyond Reason* (Durham, NC: Duke University Press, 2014), 3.

míope simplesmente argumentar um retorno para a economia “real” como um corretivo do caos em voga. Ao invés disso, ele escreve: “é na esfera especulativa dos mercados financeiros que o motor processual capitalista mostra sua verdadeira qualidade (a sua corrida, em última análise, insustentável à procura de mais valia, alimentando o crescimento interminável e a acumulação desenfreada)”. A invenção das alternativas pós-capitalistas então depende, para Massumi, de como nós concebemos a lógica processual do que ele chama de mais-valia da vida: “como um motor de processos criativos se mantém fiel a sua missão de produzir mais-valia da vida para si mesmo, e ao mesmo tempo dá uma roupagem a si mesmo como um processo de mercantilização capaz de realizar uma interface com a forma dominante da economia em meios autossustentáveis?”³³

A problematização de Massumi da produção de mais-valia é original e convincente de várias formas, e é merecedora de uma análise mais profunda. Seu entendimento processual de finanças é importante, na minha visão, para entender como o multiverso de valores da arte e práticas podem ser encarados a partir de um olhar econômico que não o achata no seu nascimento. O problema que vejo aqui, por agora, é se seguirmos Massumi muito de perto ao contrapor as forças da vida qualitativas a sua captura quantitativa, se torna difícil de localizar o problema da interface com a economia real na sua “materialidade” contingente e discreta. Assim, precisamos suplementar sua análise com uma pragmática de como instigar coreografias de valor (atuariais, diferenciais) com a pele em jogo. Em outras palavras: precisamos enfrentar o *design* de *tokens* e o tipo de exposição de valor derivativo que eles tornam possível.

As criptomoedas intencionam a captura da efervescência social de uma rede. Sua circulação e padrões de governança permitem a encriptação da socialidade de maneiras incidentais e criativas. Pensemos no *token* como uma força proposicional, um rastilho de potencialidade. É um porto multidimensional que pode germinar novas formas de partilha de relações e valor. Através da auto-emissão³⁴, eles potencialmente convertem a simpatia dos participantes e praticantes em um poder semiofinanceiro generativo. Moedas também operam como uma forma de exposição coletiva aos riscos e oportunidades do “fora” econômico, trazendo, potencialmente, liquidez. Desta maneira, as moedas operam como *derivativos de rede*, incorporando o transbordar processual que coincide com o *tornar-se-em-pertencimento comunitário*, pela maneira que estabelece suas condições de apreciação e “futurização”.³⁵

33 Ibid., 124. Ou ainda: “Mas o que é que da vida está em construção propriamente dita, considerada como tal, vitalmente, em vez de economicamente? [...] Em outras palavras, existe uma mais-valia qualitativa da vida que fornece o combustível para as quantificações do capitalismo.” Ibid., 20.

34 [N.T.]: Aqui o termo no original “*self issuance*” faz referência também aos procedimentos bancários de fornecimento de cartão de crédito.

35 Ou em termos mais diretos: “O valor de um projeto é diretamente proporcional a sua comunidade. Moedas capturam o valor gerado por uma comunidade e circulam esse valor novamente para a comunidade. A habilidade de projetos de angariar participação, entusiasmo e engajamento é crucial.” DarkFi, “The Coming Storm,” <https://dark.fi/manifesto.html>.

Essa arte cripto-financeira de estabelecer e projetar atratores para moldar a “futurização” pode ser descrita em termos de alavancagem, seguindo a definição precisa de Martin Koning: “Alavancagem é a forma que buscamos dar a nossas projeções fictícias uma qualidade performativa e autorrealizável [...] Alavancagem envolve o esforço de se posicionar como o ponto focal na lógica interativa da especulação, como um atrator no campo social.”³⁶ Então: como A Esfera dá a volta em si mesma, transformando-se em um vetor de forma de mundo tecno social recursiva, e mais importante, precursiva, como uma *alma digital*?³⁷ Ainda: como seus emissores centrais podem conferir a si mesmos a capacidade de arriscar e especular conjuntamente enquanto exploram formas de empoderar digitalmente, de modo alternativo, financeiramente, coletivos artísticos? Como açambarcar a formação desses quantitativos iniciais de impulso ascendente, de *confiança precursiva*, como A Esfera pretende criar, fazer a curadoria e capturar fluxos de arte e valor? Para jogar de maneira poética e desde o *ethos* circense do projeto, a ideia é levar A esfera do meio resoluto, mas não resolvido, de dentro de seu turbilhão de liquidez em formação; uma forma artística e conceitual de inicialização de liquidez, por assim dizer:

Todos podem ser *designers* de *loops* e apanhadores de fragmentos, de fato todos nós já somos. Para se juntar A Esfera como artistas nesse estágio é necessário trazer protocolos e estilos das nossas práticas de maneira que possamos projetar os *loops* d'A Esfera. Isso é a criação de pesquisa, pesquisa artística etc. Porque a estética do modelo regular de negócios é um sistema de disciplinas e conhecimentos separados, e nós não estamos interessados nisso.³⁸

A passagem trata de uma sugestão astuta e rigorosa de Joel Mason durante a primeira série do *Laboratório da Esfera*, de como nos alegramos, como um coletivo disjuntivo em constante evolução, na arte precursiva de imaginar fluxos cosmo-financeiros.

4 Instruções para evocar uma *alma digital*

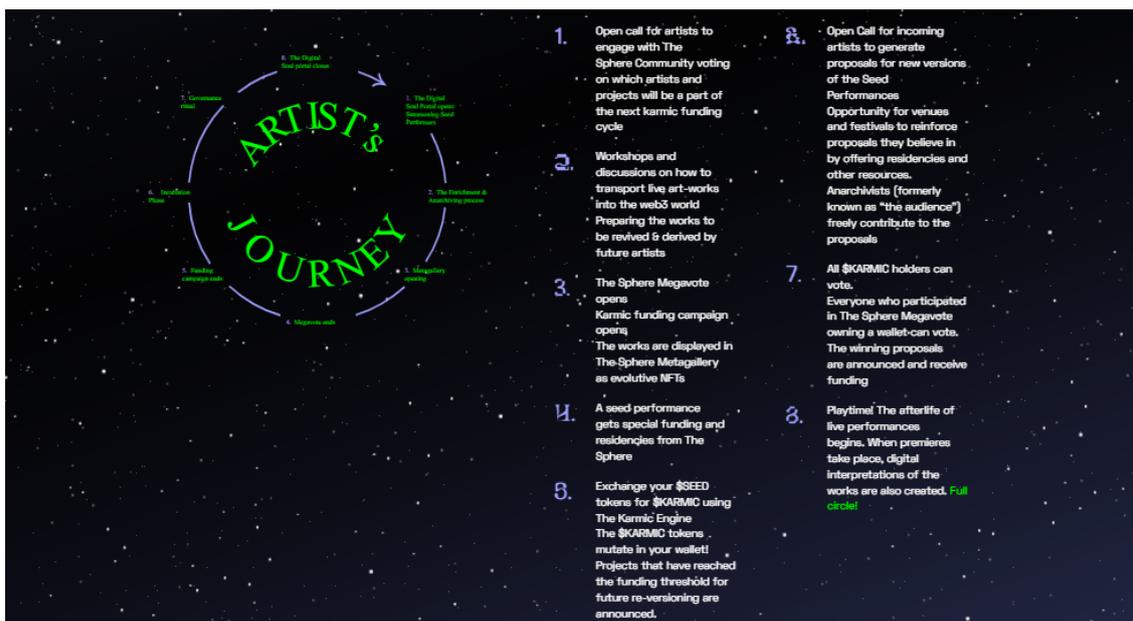
36 Martijn Koning, *Capital and Time: For a New Critique of Liberal Reason* (Stanford: Stanford University Press, 2018), p. 13–14.

37 “A recursividade não é mera repetição mecânica; ela é caracterizada pelo movimento em *loop* de retornar a si mesma para se determinar, enquanto cada movimento está aberto à contingência, que, por sua vez, determina sua singularidade. [...]. O que é chamado de alma é a capacidade de retornar a si mesma para se conhecer e se determinar. Toda vez que se afasta de si mesma, ela atualiza sua própria reflexão em traços, que chamamos de memória.” Yuk Hui, *Recursivity and Contingency* (London: Rowman & Littlefield, 2019), 17–18. Sobre a questão da confiança precursiva definindo a alma (digital), ver o meu “The Sphere as Speculative Gesture,” www.weirdeconomies.com (June 2021), link: <https://weirdeconomies.com/contributions/the-sphere-as-speculative-gesture>.

38 Joel Mason, “The Remembered Lost-Life of What Almost Happened”. *Re-Imagining Art & Value Flows: The Sphere as Digital Commons*, Stockholm, November 2020. https://www.youtube.com/watch?v=12lfndRu9_g&list=PLAilkxyDehQxORQKUwZ2LT8RrW-TNp5DC&index=6

Eles colecionaram experiências e sonhos, assim como planos para o futuro. A habilidade de coletar planos para o futuro é uma responsabilidade interessante, uma que dificilmente afeta o colecionador tradicional (curador ou historiador), mas que se torna inevitável ao colecionador de arte do imaterial. Live Forever! Collecting Live Art³⁹

O que segue é uma descrição integral do *The Karmic Funding Campaign*, uma campanha NFT (*Non-fungible Token*) de *crowdfunding* na qual se tornou possível investir n'A *Esfera* e se tornar um coproprietário processual de sua *Rede Derivativa de Arte ao Vivo* (*LAND - Live Art Network Derivative*) em formação. A campanha foi baseada em uma ideia simples, mas provocadora: e se pudéssemos colecionar a arte feita ao vivo? Todo ciclo foi projetado durante um retiro no *Performing Arts Forum* (França). Sara DeVlyder, Olle Strandberg, Cem Dagdelen, Laura Lotti, Joel Mason, Lene Vollhardt e eu fizemos parte do processo. O resultado é um protótipo de um comum (re)generativo para as artes performáticas através da criação de mecanismos de financiamento que “revive e deriva” a arte performática.⁴⁰ Ao manter a linguagem usada na campanha para descrever o mecanismo, irá fornecer ao leitor uma sensação de quão vibrante e experimental essa aventura coletiva tem se desenvolvido até hoje.



4.1 Colecionando arte performática

Colecionar artes performáticas é um pouco paradoxal. Como você pode colecionar algo que apenas existe no momento? Como você pode fazer esse momento viver para sempre? Para além de comprar ingressos para os shows e seguir os artistas nas mídias sociais, há poucas maneiras que você pode realmente investir nas artes performáticas. Até

39 Teresa Calonje (ed.), *Live Forever! Collecting Live Art* (Köln: Walter König, 2015).

40 A documentação integral está disponível em: <https://docs.thesphere.as/introducing-the-sphere/about-the-sphere>.

agora. Inspirados pela “Plantoid”⁴¹ de Primavera De Filippi, uma forma de vida digital que se alimenta de criptoativos e se reproduz autonomamente, a *Alma Digital da Esfera* funciona como um reservatório automatizado – um pool comum digital – de acumulação de capital e distribuição direta para futuros artistas. A cada vez que uma obra de arte exposta na *Metagaleria da Esfera* recebe suficiente financiamento, ela cria recompensa para futuros artistas criarem interações derivativas. Como patrocinador e colecionador da Esfera, você cumpre um importante papel em ativar a pós-vida de performances ao vivo.

Quando você investe na *Alma Digital da Esfera*, você não apenas ajuda o trabalho de artistas: você se torna parte do trabalho artístico. Você se torna parte de uma rede de performances ao vivo e produção de arte que contem sua própria capacidade para crescimento sustentável. Você garante que performances futuras irão acontecer. Em outras palavras: você tem um fragmento ativo de uma emergente e inovadora rede de derivativos de arte.

4.2 Convocatória de artistas

Tivemos de começar o ciclo cármico da alma digital, em seu ciclo de derivação e renascimento em algum lugar. Cada fase da campanha é um fragmento vivo em uma coreografia social mais ampla de valor. Eles funcionam como módulos independentes que podem ser mobilizados de formas diferentes no futuro. Em novembro de 2021, nós lançamos uma chamada para artistas circenses participarem em um experimento coletivo da Web 3.0. Nossa chamada chegou aos mais laureados do *CircusNext* nos últimos 20 anos (*CircusNext* é uma plataforma europeia de apoio para programas e autores emergentes que reúnem 30 parceiros de 17 países). Das mais de 20 submissões, 6 companhias de circo foram selecionadas por meio de votações preferenciais envolvendo os parceiros oficiais d’A Esfera para participar na inauguração da *Metagaleria da Esfera*.

4.3 O processo de enriquecimento

Em seguida vem o processo de enriquecimento: uma série de workshops com especialistas nos campos da *blockchain*, *cryptoeconomia*, novas mídias, arte e construção de NFTS que prepara as obras para sua jornada de futuro valor coletivo. A ideia é de que todos os trabalhos exibidos na *Metagaleria* possam se tornar um objeto de investimento por conta do endereço da Web 3.0 e da NFT evolutiva anexada a ele. Para os artistas, é a hora de se familiarizar com as engrenagens internas d’A Esfera e começar a imaginar como eles farão parte desse novo ecossistema.

41 N.T.: “Plantoid” é um *blockchain* baseado em formas vivas. É uma corporificação da tecnologia *blockchain*, como meio para ilustrar os desafios e oportunidades desta emergente tecnologia. (cf. <https://plantoid.org/>).

4.4 O processo de (an)arquivamento

Estamos interessados em reviver trabalhos anteriores, mas estamos ainda mais interessados em como esses trabalhos vão evoluir e gerar suas próprias linhagens derivativas no passar do tempo. Essa é a razão porquê determinados artistas são convidados a (an)arquivar suas performances preexistentes, isto é: transformá-las em campos abertos de intervenção para a futura interação com outros artistas. Pensemos nessa estrutura como uma cápsula do tempo endereçada para artistas futuros, reunindo propostas diferentes e permitindo que as limitações sejam interpretadas de maneiras imprevistas.

Esse mecanismo artístico, baseado no versionamento e revisão, desafia os modelos de criação de valor baseados em modelos restritivos de propriedade. Nossa aposta é que, ao facilitar e encorajar a multiplicação de interpretações, interações e variações em torno da performance original, sejam permitidas novas formas de auto-organização coletiva e governança. Essas novas formas de se estar juntos são emergentes e não lineares. Elas estão mais conectadas com os processos de criação de valor que já estão acontecendo entre nós e que o sistema econômico que temos não enxerga. No fim, eles expressam o compromisso mútuo e a participação coletiva que compõe nossa comunidade.

4.5 Os NFTS evolutivos d'A esfera

Os NFTs evolutivos d'A *Esfera* funcionam como testemunhos tangíveis da transformação da semente das performances enquanto elas são alteradas por colaborações criativas com novas gerações de artistas. Pensemos nelas em termos de marcas de proveniência: um dispositivo de memória viva que permite a distribuição de royalties aos artistas originais (e eventualmente os apoiadores) através da linhagem de interações derivativas.

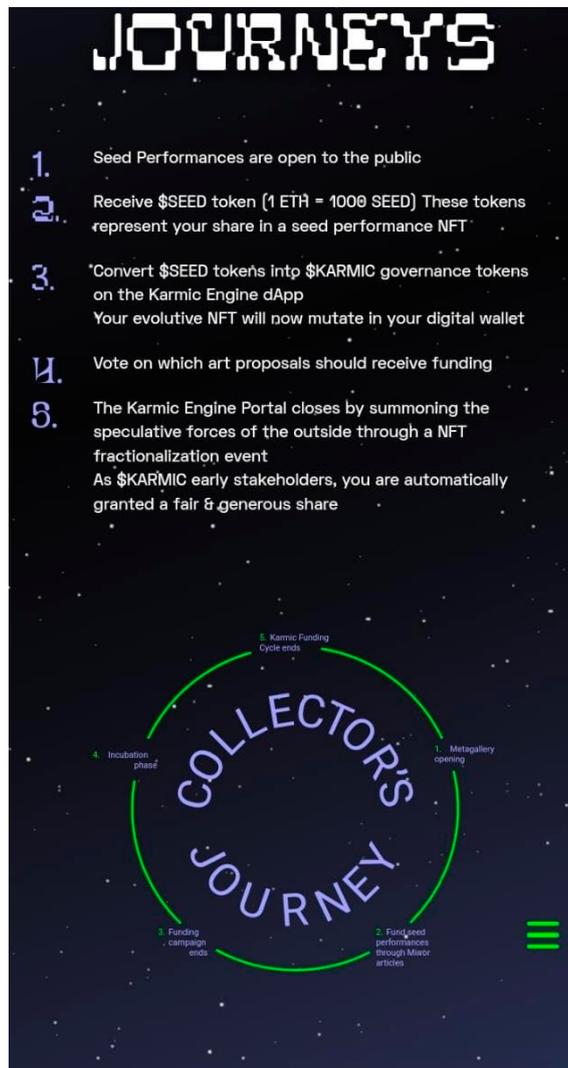
4.6 A megaeleição

A *megaeleição* é um jeito criativo de apoiar os artistas que estão expondo na *Metagaleria da Esfera*. Inclui centenas de aficionados em circos que vem de nossa rede extensa de parceiros europeus de circos, e o público investidor que opta por inserir algumas moedas no *Motor Cármico*.

Criamos a *megaeleição* como uma forma de permitir a participação de um grande número de pessoas no ecossistema d'A *Esfera* e sentir a faísca da alegria cripto-circense, até aquele sem uma carteira cripto. Junto ao *DAO Black Swan*, nós desenvolvemos um aplicativo compatível com o Discord que permite a participação de todos nessa alocação de fundos democrático.

4.7 Debaixo do capô: o Motor Cármico da web 3.0

O *motor cármico* é a infraestrutura central da Web 3.0 no ecossistema d'A Esfera. Projetado pela *CurveLabs* (<https://www.curvelabs.eu>), sua função principal consiste na autônoma governança e alocação de fundos. Também facilita a convocação de novos artistas e propostas criativas assim que um determinado limite de financiamento é atingido. Pense no *motor cármico* tanto como um porteiro da *blockchain* da *Alma Digital da Esfera*, e o veículo digital que assegura a pós-vida de performances e as conduz pelas jornadas transformativas de valor. Para ativar o portal de entrada do motor cármico, você precisa conectar uma carteira digital (e um pouco de ETH).⁴²



5 Conclusão: desenhando um círculo mágico

Então, onde nós chegamos? Para além da acumulação de capital em si, a participação qualitativa e mútua é especialmente importante no estágio inicial desses projetos cujo

42 <https://thesphere.mirror.xyz/crowdfunds/0xeA6f21a16F1dE036ac7A13CA4e518F7FcAbd70bC>

único objetivo não é o lucro. A força proposicional da *tokenização* cosmo-financeira é frágil. Eu, como designer de *tokens*, sempre insisto em como devemos cuidadosamente zelar pela progressiva exposição “para fora”, que não significa automaticamente a exterioridade do chamado “mercado”. Penso aqui no mercado como um meio de contingência, com um tipo específico de efervescência social e carisma que deriva dele.⁴³ Como a maioria dos trabalhos artísticos, as ações derivativas da rede de arte performática d’A *Esfera* provavelmente permanecerão ilíquidas por enquanto. A questão de liquidez e de propriedade líquida (fractal) é um assunto que desperta a atenção das pessoas e representa uma das promessas chave da cripto-economia. Mas também está carregada de dificuldades. Nós somos confrontados com dois tipos de exposição: a contingência radical do mercado e sua produção derivativa de liquidez por um lado, e a exposição qualitativa imanente de uma comunidade, entendida, em termos não imunitários, como sempre pronta para um lugar de exposição que funciona como sua própria recompensa, uma metaestabilidade coletiva, cujo valor é imediatamente fornecido pelo agrupamento criativo. Então, depois da comunidade que vem, talvez seja o tempo de visualizar algo como a comunidade derivativa? *Tokens* são instâncias de valor, mas apenas quando eles agem, simultaneamente, como relés fugidios para a modulação coletiva de valores. Conceber os *tokens* como transmissores especulativos pragmáticos é uma forma de percebê-los como gerados de efervescência coletiva. Por fim, e seguindo Randy Martin, o grande teórico da lógica social de derivativos, nosso foco é estabelecer as condições para que “a efemeridade da arte, tão alardeada e prontamente descartada, e da dança em geral (ou circo) em particular assumiriam uma generativa durabilidade, uma elaboração de tempo e espaço nos quais a coletividade ganharia e circularia sua própria moeda.”⁴⁴

A *Esfera* trata de ativar uma atitude especulativa-pragmática impregnada com um cuidado pelo possível, isto é: abordando e caracterizando situações que colocam em evidência aquilo de que são capazes, atentos aos interstícios vivos e aos intercessores fugazes aos quais fornecem abrigo transitório. Nessa perspectiva, se expor (diferencialmente) não é apenas sobre a manutenção de interesses financeiros (nomeadamente as ações) em uma empreitada. Em todo caso, é uma forma de sinalizar que nossas capacidades afetivas são limitadas e deveriam ser utilizadas de maneira adequada. Elas devem ser tratadas e cultivadas como uma parte e uma parcela de uma arte de atenção imanente que leva à incorporação de valor, ou a espaços econômicos ou à formação de ativos coletivos. Como fazer florescer os *quanta* da confiança precursiva cuidadosamente depositada no nosso meio? A *Esfera* irá ter sucesso como uma *máquina coletiva de partilha* em formação, constantemente evoluindo e trazendo novas molduras em seus modos de implicação mútua, enquanto procura por maneiras de ativar formas de financiamento e ecologias *esquizo-frágeis?*

43 Como Arjun Appadurai ressalta: “A natureza carismática do evento da troca confere continuamente sua efervescência coletiva, retrospectivamente, a toda a estrutura de regras, valorações, acordos e instituições que o cercam, no restante do mercado, fora do espaço do derivativo negociado.” Arjun Appadurai, *Banking with Words: The Failure of Language in the Age of Derivative Finance*, Chicago, Chicago University Press, 2015, 98.

44 Randy Martin, “A Precarious Dance, a Derivative Sociality,” *The Drama Review* 56, no. 4 (2012): 77.

É nesse espírito, e de maneira a fechar nosso ciclo de financiamento cármico, que organizamos dois eventos em torno de rituais de governança (ou governança como ritual) com um componente autorreflexivo. Primeiro nos reunimos em um evento de LARP (*Live Action Role Playing*) de três dias no *Contempo Festival 2022* (<https://contempofestival.lt/>) em Kaunas, Lituânia, chamado *A Esfera 2033: Depois da dataficação da carne*. Essa foi a ocasião para acionar auto criticamente o código d'A Esfera e seu futuro como uma DAO com artistas locais e membros do público.⁴⁵ Mais tarde, no outono do mesmo ano, realizamos uma série de *workshops* de governança, cujo título coincide, até hoje, com nosso programa imediato e imediatizante: *desenhamos um círculo mágico e crescemos na velocidade da confiança*.⁴⁶

Agora estamos em casa. Mas nosso lar não preexiste: foi necessário desenhar um círculo em volta de um centro frágil, para organizar um espaço limitado. Diversos componentes fizeram parte disso, paisagens e marcas de todos os tipos... Os componentes são usados para organização do espaço, não pela determinação momentânea do centro. As forças do caos são mantidas fora, na medida do possível, e o espaço interior protege as formas germinais de uma tarefa a completar ou um ato que deve ser finalizado.

Finalmente, abre-se uma fissura no círculo, que se abre completamente, deixa alguém entrar, liga para alguém ou sai de si mesmo, se projeta para frente. *O círculo não se abre no lado que estão as velhas forças do caos, mas em outra região, em uma criada pelo próprio circulado*. Como se o círculo tendesse a abertura para o futuro, como uma função das forças de trabalho que abriga. Desta vez, o objetivo é juntar forças com o futuro, forças cósmicas. É lançada a

45 Instigado pela artista Lene Vollhardt, o LARP permitiu a encenação das forças internas em ação na rede *Esfera*, enquanto nos transformávamos momentaneamente em um coletivo de videntes hápticos. O estímulo para especulação e fabulação em torno do qual nos reunimos era o seguinte: “Em 2033, o mundo da arte passou por uma transformação severa. Agora, podíamos rastrear tudo. Nenhum trabalho emocional passava despercebido, pois era registrado na *blockchain*; e cada relação, cada ideia, cada gesto, podia ser arquivado e transformado em um ativo (muitas vezes chamado de comunidade). Aperfeiçoamos a arte de transformar nosso trabalho – e nós mesmos – em *NFTs*. Estávamos apostando em performances, assim como outras pessoas estavam apostando em palavras ou atenção. Algumas pessoas se tornaram realmente boas nisso; até demais, na verdade. Elas estenderam a maldição da auto-propriedade como poucos libertários jamais sonhariam. Elas se tornaram réplicas no metaverso: almas perdidas, ou melhor, corpos perdidos. Ao redor delas, o futuro parecia inútil e tão malditamente caro. Elas falavam sobre ter participação no jogo, mas na verdade não conseguiam mais sentir a jogada. A precariedade de nossa carne tornou-se uma questão urgente. A pergunta passou a ser: Como recuperamos nossos corpos?”

46 Para mais detalhes sobre o *workshop*, veja essa entrevista com acadêmicos e outros artistas interessados na arte delicada da contração: <https://www.youtube.com/watch?v=8yL9na7DYJU>.

improvisação perigosa. Mas improvisar é se juntar ao mundo, ou se mesclar com ele.⁴⁷



47 Gilles Deleuze and Felix Guattari, *Capitalism and Schizophrenia II: A Thousand Plateaus*, trans. Brian Massumi (Minneapolis: Minnesota University Press, 1987), 311 (grifo nosso).

Referências

- ABOUT THE SPHERE. The Sphere Docs. Disponível em: <https://docs.thesphere.as/introducing-the-sphere/about-the-sphere>. [2022]
- APPADURAI, A. *Banking with Words: The Failure of Language in the age of Derivative Finance*. Chicago: Chicago University Press, 2015.
- BARRAU, A.; NANCY, J-L. *What's These Worlds Coming To?*. Trad.: Travis Holloway e Flor Méchain. Nova Iorque: Fordham University Press, 2015.
- BORDELEAU, E. Bellonging in Becoming: partes anárquicas y Comunes Cripto escalables. In: *Disenso: Revista de pensamento político*, nº V, 2023.
- BORDELEAU, E. *Comment sauver le commun du communism?*. Montréal: Le Quartanier, 2014.
- BUNDEKUNSTHALLE. *STUDIO BONN – Who controls the Bundeskunsthalle? Cast your Vote!*. YouTube, 2022. Disponível em: <https://www.bundeskunsthalle.de/en/studiobonn/tw-wem-gehoert-die-bundeskunsthalle.html>.
- CALOJNE, T., ed. *Live Forever! Collecting Live Art*. Köln: Walter König, 2015.
- CATLOW, R.; RAFFERTY, P., eds. *Radical Friends: Decentralised Autonomous Organisations and the Arts*, London: Torque Editions, 2022.
- CAVA, B.; COCCO, G. *A Vida da Moeda: Crédito, imagens e confiança*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.
- DARKFI. *The Coming Storm*. Disponível em: <https://dark.fi/manifesto.html>.
- DEBAISE, D.; STENGERS, I., eds. *Philosophie des possessions*. Paris: Presses du réel, 2011.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Capitalism and Schizophrenia II: A Thousand Plateaus*. Trad.: Brian Massumi. Minneapolis: Minnesota University Press, 1987.
- HARNEY, S.; MOTEN, F. *All Incomplete*. Brooklyn: Autonomedia, 2021.
- HUI, Y. *Recursivity and Contingency*. London: Rowman & Littlefield, 2019.
- KLOSSOWSKI, P. *La Monnaie vivante*. Champs-sur-Marne: Rivages, 1997.
- KOHLHUBER, I.; LEISTERT, O., eds. We Too Have a Code: Cryptoeconomics and the Promise of Programmability. In: *Hamburg Maschine Revisited: Artistic and Critical Investigations into our Digital Condition*. Hamburg: Adocs Verlag, 2022.
- KONING, M. *Capital and Time: For a New Critique of Liberal Reason*. Stanford: Stanford University Press, 2018.
- LESSIG, L. *Code: And Other Laws of Cyberspace*. New York: Basic Books, 1999.
- LOVNIK, G. Principles of Stacktivism. In: *TripleC: Communication, Capitalism and Critique*, 2020. Disponível em: <https://www.triple-c.at/index.php/tripleC/article/view/1231>.

- MARTIN, R. A Precarious Dance, A Derivative Sociality. In: *The Drama Review* 56, nº 4, 2012.
- MASSUMI, B. *99 Theses on the Reevaluation of Value: A Postcapitalist Manifesto*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2018.
- MASSUMI, B. *The Power at the End of the Economy: Art Beyond Interest, Joy Beyond Reason*. Durham: Duke University Press, 2014.
- NANCY, J-L. *Being Singular Plural*. Trad.: Anne O’Byrne; Robert Richardson. Stanford: Stanford University Press, 2000.
- NANCY, J-L. La Comparution/The Compearance: from the Existence of “Comunism” to the Community of “Existance”. In: *Political Theory*, V. 20, nº 3, 1992.
- NANCY, J-L. *The Inoperative Community*. Trad.: Peter Connor, Lisa Garbus, Michael Holland e Simona Sawhney. Minneapolis: Minnesota University Press, 1991.
- PIKETTY, T. *O Capital no Século XXI*. Trad.: Monica Baumgarten de Bolle. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- RANCIÈRE, J. *The Politics of Aesthetics: The Distribuiton of Sensible*. Edited and translated by Gabriel Rockhill. London/New Delhi/New York/Sydney: Bloomsbury, 2004.
- RAUNIG, G. *Dividuum: capitalism maquínico y revolución maolecular*. Volumen 1. Trad.: Raúl Sánchez Cedillo. Buenos Aires: Cactus, 2022.
- SCHNEIDER, N. Foreword: Practice Upwards. In: *Radical Friends: Decentralised Autonomous Organisations and the Arts*. London: Torque, 2022.
- STEYERL, H. *Animal Spirits*. Áustria: Kunsthauz Gras, Space01, 2023. Disponível em: <https://www.esterschipper.com/exhibitions/1100-animal-spirits-hito-steyerl/>.
- STEYERL, H. If You Don’t Have Bread, Eat Art!: Contemporary Art and Derivative Fascisms. In: *E-flux*, nº 76, 2016. Disponível em: <https://www.e-flux.com/journal/76/69732/if-you-don-t-have-bread-eat-art-contemporary-art-and-derivative-fascisms/>.
- STEYERL, H. Walk the Walk: Beyond Blockchain Orientalism. In: *Radical Friends: Decentralised Autonomous Organisations and the Arts*. London: Torque, 2022.
- TAAKI, A. Guerilla movements, prehistoric species, free software and crypto. What do these topics have in common?. In: *Darkfi*, 2022. Disponível em: <https://dark.fi/insights/ftx-where-next.html>.
- TERRANOVA, T. *After the Internet: Digital Networks between Capital and the Common*. Nova Iorque: Semiotext(e), 2022.
- THE SPHERE AS A ESPECULATIVE GESTURE. *Wired Economies*, 2021. Disponível em: <https://weirdeconomies.com/contributions/the-sphere-as-speculative-gesture>.
- THE SPHERE MANIFESTO. *The Sphere*, 2020. Disponível em: <https://www.thesphere>.
-

as/the-sphere-manifesto/.

THE SPHERE. *The Remembered Lost-Life Of What Almost Happened* by Joel Mason. YouTube, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=12lfndRu9_g&list=PLAilkxyDehQxORQKUwZ2LT8RrW-TNp5DC&index=7.

THE SPHERE. *We Draw a Magic Circle and Grow at the Speed of Trust – Executive Overview*. YouTube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8yL9na7DYJU>.